

O QUE CONSTITUI O POBRE DE DIREITA?

Ivaneide Barbosa Ulisses¹

Jessé Souza é professor titular da Universidade Federal do ABC (UFABC), graduado em Direito, mestre e doutor em Sociologia, com pós-doutorado em Psicanálise e Filosofia pela The New School for Social Research, em Nova York. Reconhecido por sua contribuição ao pensamento crítico brasileiro, o autor publicou mais de trinta obras, entre livros, artigos e ensaios, voltados à análise das desigualdades sociais e à crítica das estruturas de poder no Brasil. Uma de suas obras mais debatidas é *A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato*, publicada em 2017.

A análise de Souza baseia-se em autores como Max Weber e Pierre Bourdieu, com ênfase nas noções de capital simbólico e reprodução das estruturas sociais. Ele critica fortemente setores da academia, da grande mídia e do sistema judiciário, que, segundo ele, colaboram para a perpetuação de uma visão de mundo que favorece os interesses das classes dominantes. Essa crítica também atinge o que o autor chama de “inteligência universitária”, a qual ele considera conivente com a perpetuação da “síndrome de vira-lata” — expressão cunhada por Nelson Rodrigues na década de 1950 para descrever o sentimento de inferioridade do brasileiro em relação ao estrangeiro.

A obra resenhada convida o leitor a se aproximar do debate sobre a produção do conhecimento, tanto dentro quanto fora do ambiente acadêmico, e propõe uma ruptura com o senso comum que simplifica os problemas nacionais a desvios morais ou individuais.

Como fio condutor, elegemos a indagação, como chave de leitura da obra resenhada, “o que constitui o pobre de direita?”, no livro do sociólogo brasileiro, Jessé Souza. A obra é composta por quatro capítulos mais prefácio, introdução e conclusão, ao longo do mesmo, Jessé Souza, caracteriza, quem seria este pobre de direita, ou seja, aqueles, segundo o autor, que teriam em eleições como de Jair Messias Bolsonaro (2018-2022), votado na chamada extrema direita, e, portanto, contra seus próprios interesses.

¹ Docente do curso de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE, na Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos - FAFIDAM. Pós-doutoranda na Universidade Federal do Ceará - UFC. E-mail: ivaneide.ulisses@uece.br CV: <http://lattes.cnpq.br/6775056260234647> . Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0584-390X>.

Um elemento do livro fora do seu conteúdo, chama atenção, a escrita do autor, que se afasta dos modos acadêmicos, com nítida vontade de comunicar para além do público das Ciências Sociais, e podemos dizer, escrita repetitiva, no que concerne a trazer informações, “mastigar” as ideias elencadas, escritas de modos diferentes, ao longo dos parágrafos.

Nesta intenção de comunicação, de ser entendido (talvez, não interpretado), Jessé Souza usa o recurso de conversar com quem ler a obra, chamando-o, chamando-a, em diferentes momentos da escrita/conversa. Exemplo, que observamos, logo no prefácio, e já dando início do como a problematização se encaminhará,

Vamos deixar algo claro desde o início, *cara leitora e caro leitor*: a elite real é ínfima e se conta nos dedos no nosso país, e a classe média “real” (...) não chega a 20% da população (...) Que essas classes sociais (...) votem nos candidatos elitistas é compreensível(...), mas essas classes não elegem ninguém pelo voto em eleição majoritária (...) embora sejam as classes material e simbolicamente hegemônicas. (SOUZA, 2025, p. 9 - 10).

A citação demonstra que o pobre de direita, não é um fenômeno de agora, devemos inseri-lo, no Brasil, pelo menos desde a República (1889/1891), quando a participação política pelo voto se tornou elemento pressionador no estado republicano, e tal Estado, passa a ser o organizador das instituições e da vida social. Ou seja, eleições e votos, são essenciais no processo de aquisição de cidadania, no pós-reinado escravista, daí a importância de votar, ser votado, em quem se vota, importância das eleições nos diferentes momentos da República brasileira.

Ainda na citação, temos o cerne que constitui a “personagem” pobre de direita, pois a elite e representantes, perfazendo em torno de 21% da população no Brasil, estes, escreve Jessé, “não elegem ninguém”, é necessário angariar votos, adeptos nos 79% da população. Temos então, o que seria a formação de um pacto antipopular (dos 21%) para a construção de um consentimento que permiti que uma elevada parte dos 79% dos brasileiros participem de ações contra si mesmos, inclusive votando.

Outro elemento importante para Souza é o conceito de luta de classes, combatido e invisibilizado, inclusive por governos populares como do Partido dos Trabalhadores, por meio de uma pseudoidentificação com renda salarial, encobrir os pertencimentos das pessoas às classes sociais fazem parte do pacto antipopular, destaca,

A luta de classes existe, sim, mas ela não é econômica nem comandada pela economia, como acreditam tanto liberais quanto marxistas... a “economia” enquanto esfera da vida social encarregada da produção e distribuição de bens materiais e simbólicos, é sempre, na verdade, **expressão de um contexto moral** que lhe é anterior e lhe determina. (SOUZA, 2025, p. 64, grifo nosso).

O contexto moral enquanto um mundo cultural e simbólico é desenvolvido por Jessé Souza, não apenas nesta obra, mas em outras, assim como em suas palestras em plataformas digitais, referenciado em Marx Weber, principalmente. De modo bem resumido, o campo das ideias ganha espaço de igual, ou melhor, maior de determinação que o da economia. Ou seja, para espoliação e exploração é necessário existir um convencimento de quem é espoliado, explorado. Ou como lembra Marilena Chauí ao transcrever questão de Karl Marx,

Como se explica que vivamos em sociedades nas quais as desigualdades econômicas, sociais, culturais e as injustiças políticas não se apresentam como desigualdades nem como injustiças, não são percebidas como violência porque a lei e o estado de Direito afirmam que todos são livres e iguais? (CHAUÍ, 2024, p. 270).

Como 1% da população consegue invisibilizar que a liberdade de propriedade do capital é que os meios de produzir e o meios de exploração lhes pertencem? Continua Marilena Chauí, “(...) a sociedade capitalista, constituída pela divisão interna de classes e pela luta entre elas, requer para seu funcionamento, a fim de recompor-se como sociedade, aparecer como indivisa, embora se inteiramente dividida” (CHAUÍ, 2024, p. 270).

Jessé Souza, talvez concorde com a filósofa, pois para ele o simbólico, a cultura tem o poder de invisibilizar, por exemplo, a luta de classes no Capitalismo, a expropriação dos meios de produção econômica, assim com os meios de produzir e circular as ideias, exemplos: universidades, escolas, imprensa, mídias, práticas culturais.

Na obra “O pobre de Direita”, temos um conjunto de entrevistas realizadas pelo autor, que nos permitem escutar(ler) eleitores de Bolsonaro, destacamos do texto dois tipos exemplares de “pobres de direita”, na atualidade, são: o branco pobre e o negro evangélico. Seguem trechos um de F. Rosser (branco pobre) e outro de Vanderson (negro evangélico).

F. Rosser, branco pobre: de linhagem dos primeiros descendentes de alemães do norte do Rio Grande do Sul, os quais, teriam colonizado o oeste catarinense região da Guerra do Contestado – que envolveu a eliminação de indígenas locais. Segundo F. Rosser, massacrar os indígenas foi uma necessidade para limpar a terra, “dizia meu avô: - O bugre é um bicho, e bicho a gente mata” (SOUZA, 2025, p. 98). Jessé Souza situa o entrevistado histórico e também socialmente para compor a “personagem” F. Rosser - “subgerente em loja de um parente”, “morador do mesmo prédio onde funciona a loja, divide a moradia com outros funcionários e a família do tio”. Baixa escolaridade, contra o bolsa-família porque alimenta a preguiça que é natural dos nordestinos e negros. Diz

F.Rosser: “Não sou racista, tenho amigos e empregados negros. Agora, que os caras são lentos e sem disciplina, isso é inegável” (SOUZA, 2025, p. 99). Jessé Souza pergunta diretamente a F.Rosser, “você votou no Bolsonaro? Sim, nas duas eleições. Eu não digo que ele é perfeito (...) errou na pandemia (...), mas é diferente dos outros políticos (...) é sincero e diz tudo o que pensa (...). Agora, que tem uma campanha da mídia contra ele, isso tem (...)” (SOUZA, 2025, p. 102).

Vamos lendo as entrevistas e percebendo aspectos que os unem, naquilo que Jessé Souza caracteriza, o tipo “pobre de direita, como, a negação do racismo, segundo Souza, não é “apenas” racial (negros, indígenas, nordestinos, estrangeiros negros e pobres como haitianos), inclui ainda o machismo, a misoginia, preconceito regional (Nordeste, principalmente) e contra os desvalidos. Se sentem desprivilegiados, sem importância econômica, social e cultural. As mídias sociais são lugares onde encontram momentos de sociabilidades e escuta. São os humilhados pela elite que culpam os pobres como eles da humilhação.

O segundo tipo, o negro evangélico, aqui citamos Vanderson, 34 anos, morador de favela em São Paulo. Trabalhador desde os 14 anos, oriundo de escolas precárias, chegou a cursar faculdade, mas teve que abandonar, perguntado sobre a Igreja, “(...) a Igreja ajuda muito (...) principalmente a saber trilhar os caminhos corretos (...)” (SOUZA, 2025, p. 148). Sobre o seu voto nas eleições, “Oxe, Claro que Bolsonaro! O “menos pior”. Era o que eu falava: - Ó, eu tô votando com o menos pior...Pra governador, votei no Tarcísio. Candidato a deputado, não lembro (...)” (SOUZA, 2025, p. 150).

Jessé destaca: “É importante aqui um esclarecimento: o sofrimento do negro evangélico, ainda que pobre remediado, é muito distinto do sofrimento do pobre branco (...)” (SOUZA, 2025, p. 182), pois ser negro no Brasil é todo dia enfrentar a formas implícitas e explícitas de animalização, de racismo. Alvo prioritário da polícia, por exemplo. A Igreja evangélica serve como espaço de identificação com uma moral do tipo, sou pobre e preto, “mas” trabalhador. Outra ideia que encontramos nas obras de Jessé Souza, como os pobres, principalmente os menos equipados para disputa cotidiana, assumem o discurso dicotômico pobre versus vagabundos. A ideia da Meritocracia.

Meses atrás, vimos pelos canais de comunicação, notícias acerca da violência policial, mais uma vez, um policial se achou no direito de atirar em um homem desarmado, desta vez, em São Paulo. Testemunhas deram conta que antes dos tiros, o tal homem teria dito, “Porque vocês fazem isso comigo? Sou trabalhador.” O Homem assassinado era negro. A dicotomia pobre versus vagabundo tem em si a ideia de que, se eu fizer minha parte (...) invisibiliza que a minha parte se

constrói ao longo de um processo geracional e classista como aponta Souza, e também racial/étnico. Cida Bento, no “Pacto da Branquitude”, escreve: “Fala-se muito na herança da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas” (2022, p. 23).

Na resenha, temos apenas alguns aspectos postos pelo professor Jessé Souza, acerca do sujeito, “o pobre de direita”, tais como: um ressentimento do pobre branco e a humilhação do negro evangélico, além de citar o esforço histórico do pacto antipopular das elites, no encobrimento do racismo e da luta de classes, assim como a campanha de desvalorização do voto. Entretanto, o livro elenca e desenvolve outras ideias como as ações promovidas pelas elites por meio da “Inteligência” para tornar o Estado republicano como quase único responsável pela de corrupção no país.

De modo algum, as questões ressaltadas na resenha não encerram ou dão conta da proposta presente no livro, é apenas uma leitura possível, o livro ainda tem o mérito de possibilitar ao leitor(a) novas perguntas para além da obra, exemplo, existiria um particularismo na situação que constitui o pobre de direita no Brasil? Poderíamos utilizar o conceito de classe como cultura para perceber laços do aumento da extrema direita no Brasil e outros lugares? Édouard Louis, autor francês, conhecido por trazer para sua escrita a própria história familiar, coloca, “Meu pai detestava a ideia da delinquência, o que era uma forma de não estar no nível mais baixo da escala social: ele era pobre, mas não bandido” (2025, p. 81). Fica a impressão que precisamos tratar mais de uma história global e mais conectada para darmos conta de reflexões e problematizações em tempos do hoje.

Obra Resenhada:

SOUZA, Jessé. **O pobre de direita**. A vingança dos bastardos. O que explica a adesão dos ressentidos à extrema direita? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2025.

Referências Bibliográficas:

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre Violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

LOUIS, Édouard. **O desabamento**. São Paulo: Todavia, coleção Tag, 2025.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.



Recebido em 24 de agosto de 2025.

Aceito em 04 de outubro de 2025.

Publicado em 08 de outubro de 2025.

